

**Em busca do coração perdido: resenha-ensaio da obra *A menina e o monstro e algumas pedras no caminho*, de Martina Schreiner**

**Looking for the lost heart: a review essay about the book *A menina e o monstro e algumas pedras no caminho*, written by Martina Schreiner**

Fabiano Tadeu Grazioli<sup>1</sup>

SCHREINER, Martina. *A menina e o monstro e algumas pedras no caminho*. Ilustrações da autora. Porto Alegre: Edição da autora, 2016. 176 p<sup>2</sup>.

Antes que se pense, influenciado pelo número de páginas, que a obra em questão é um romance para adultos, ou o volume de uma saga fantástica, ou qualquer outra publicação seriada que tem agradado os jovens de nosso tempo, é importante registrar: trata-se de literatura para crianças e jovens no formato de livro ilustrado. E pelo modo como o constrói, Martina Schreiner coloca os elementos que compõem o livro contemporâneo em sintonia com o imaginário infantil e juvenil, de modo a fazer valer as palavras de muitos especialistas que se dedicam à análise e ao estudo da literatura infantojuvenil brasileira. Esta resenha é uma oportunidade para refletirmos sobre características do texto literário para crianças e jovens e também sobre as relações que este elemento pode vir a manter com o projeto ilustrativo e o projeto gráfico na composição do livro impresso.

A obra, publicada no final de 2016, foi vencedora de um edital do Plano Municipal do Livro e da Leitura da Prefeitura de Porto Alegre/RS. Foi tal prêmio que possibilitou sua publicação e distribuição gratuita em escolas públicas da capital gaúcha. No mesmo ano, a obra recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria Projeto Gráfico/Design. Antes de se transformar em livro, a história de Martina Schreiner ganhou os palcos do Rio Grande

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em Letras pela mesma instituição. Professor do Departamento Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim/RS e da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) tadeugraz@yahoo.com.br

<sup>2</sup>As citações da obra são referentes a esta edição. Indicaremos somente o número da página em que se encontram. Todas as demais citações utilizadas apresentam-se padronizadas de acordo com as normas vigentes.

do Sul e do país, numa montagem da Clareira de Teatro (Porto Alegre), com direção de Lúcia Bendati. Mas não se trata de um texto dramático. Trata-se de uma narrativa e, na ocasião, foi adaptada para a dramaturgia.

Hoje podemos afirmar, nas palavras da professora e pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2000, p. 164), que a literatura infantil “ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida”. *A menina e o monstro e algumas pedras no caminho* é uma narrativa sobre esse processo tão difícil. Nas primeiras páginas da história, Nina é apresentada como “uma menina como qualquer outra”. (p. 7). São listados alguns de seus gostos e também algo que a menina não suporta, como comer mingau. Tem dias de doçura, tristeza, amargura. “Como todo mundo”. (p. 15). Quando fica triste, seu coração fica pequeno e ela chora no colo de sua mãe. “Quando Nina está feliz, ela nem se dá conta, mas seu coração quase não cabe no peito”. (p. 16-17). E é o coração de Nina o grande responsável para que a história de Martina Schreiner se movimente, funcionando num fluxo narrativo que agrada o leitor.

Mas é necessário contar que Nina mantém contato com um monstro que mora debaixo de sua cama. Eles conversam sobre diversos assuntos. “Mas eles conversam muito mesmo sobre o medo o susto e o escuro e os mistérios da vida”. (p. 20). Em um dia de muita tristeza, Nina reclamava do aperto que sentia em seu coração, e o monstro teve uma ideia: chamar o pássaro de rapina, seu amigo, para arrancar o coração da menina. Sem coração, não padeceria de tristeza. Acontece que, junto com o coração de Nina, foram todos os outros sentimentos e a pequena tornou-se uma pessoa incapaz de sentir. “E no peito de Nina ficou um vazio”. (p. 36-37). Percebido o erro, o monstro parte em uma jornada para recuperar o coração da menina. Teria muita sorte se o pássaro de rapina não o tivesse comido, como era de costume. Não encontra o pássaro em seu ninho, e todos os personagens que visita – esposa do pássaro de rapina, lagarto, serpente, sua mãe, entre outros –, numa aventura por muitas vezes engraçada, não tem notícias dele há pelo menos duas semanas, justamente o tempo que fazia que o coração de Nina tinha sido por ele arrancado. Depois de muito padecer, e no meio de um acesso de choro, ele ganha a companhia de um menino e, juntos, se embrenham na mata – nem sabiam que existia mata tão fechada em Porto Alegre. Lá encontram uma clareira com fogueira e uma turma de amigos, dentre os quais o pássaro de

rapina. No dia em que retirou o coração da menina, vendo-o “tão novinho, tão rosado, tão cheio de energia” (p. 163), não conseguiu comer, tornando-se vegetariano, e guardou o coração para os filhotes que estavam por nascer. O coração ainda batia em algum lugar: era por isso que Nina, embora sem coração, sobrevivera. Colocado em seu lugar, o coração passou a bater novamente no peito da menina. Ela ficou com os sentimentos um pouco confusos, é verdade: “Às vezes ele se engana e deixa Nina triste na hora de ficar feliz, ou furiosa na hora de dar risada. E também erra na intensidade do sentimento e deixa Nina muito feliz por qualquer besteira”. (p.171).

A aprendizagem inicial da vida, de que falamos a partir de Coelho (2000), é o processo pelo qual Nina passa na história. A personagem precisou experimentar a ausência total de sentimentos para conseguir lidar com eles quando os recuperou. Experiência paradoxal muito bem articulada na narrativa, que representa, na sua simbologia, a tarefa complexa de lidar com as emoções, principalmente quando se é criança. Nina, ao final, parece compreender melhor seus sentimentos, convive com as variações naturais da idade e tem a aceitação dos que a cercam: “Todos estão felizes de ter Nina braba de vez em quando, feliz e sorridente muitas vezes, chorosa e triste nas outras. Mesmo que seja na hora errada”. (p. 172). Ao ajudar Nina, o monstro também cumpre uma trajetória de descobertas, saindo pela grande Porto Alegre, renegando seu destino de monstro que vive debaixo da cama, tal qual sua mãe. Ao estabelecer amizade com Nina e o pássaro de rapina, o monstro também se distancia do esperado pela sua família, pois, segundo sua mãe, monstros não possuem amigos. Nos momentos em que chora desesperadamente, também se distancia da figura conhecida do monstro. Ele é, inclusive, consolado pelo amigo que encontra, com quem segue para a mata. Um monstro ser consolado por um menino? É assim o monstro da história em questão: precisa também ele de consolo, carinho e afeto.

A expressão do título “e algumas pedras no caminho” lembra de imediato o poema de Carlos Drummond de Andrade, *No meio do caminho*. As pedras existem, de fato, na história. O monstro, que sai em busca da solução para o problema apresentado na narrativa, tropeça, muitas vezes, em pedras espalhadas pelos caminhos que percorre em Porto Alegre, característica que traz humor ao texto, pois machuca os dedões dos pés a cada nova tentativa de recuperar o coração de Nina. Numa leitura menos literal, as pedras também podem ser entendidas como as diversas dificuldades que o monstro encontra em seu percurso, como o

medo dos feitiços da serpente: “Monstros não reconhecem e jamais assumiriam, mas em certos casos eles também sentem medo. Não era medo da serpente propriamente dita, era medo dos poderes dela. Nosso monstro tinha muito medo de feitiçaria”. (p. 110). Assim como ultrapassa as pedras de verdade, o monstro, em sua trajetória, vence seus medos, e a narrativa avança em direção ao seu desfecho.

A diagramação arejada, a predominância da ilustração e a colocação da palavra/frase de modo a brincar com o significado do léxico fizeram com que uma história de no máximo 15 páginas de texto corrido se transformasse em uma obra de 176 páginas. A invencionice e a criatividade da autora-ilustradora-designer foram fundamentais para que essa diluição do texto ocorresse. Mas isso não é problema para a artista em questão, que tem demonstrado no conjunto de obras que já entregou ao mercado editorial um entendimento qualificado das questões relacionadas aos livros ilustrados atualmente.

No final da obra, ao se apresentar, Martina Schreiner faz uma declaração que salta aos olhos e ao intelecto de quem é acostumado a pensar na construção da obra de arte literária para crianças e jovens na sua materialidade mais conhecida, o livro impresso, que nasce da intersecção do texto, do projeto ilustrativo e do projeto gráfico. Declara a autora que concebeu as ilustrações antes do texto. De imediato, esse processo nos lembrou a coleção *Arte para crianças*, publicada pela Berlendis e Vertecchia Editores, com apoio da UNESCO, na segunda metade da década de 1980. A coleção, que recebeu Prêmio Jabuti de “Melhor Obra Editorial – Coleção” (ano 1986), tinha uma proposta arrojada e ousada para a época, pois propunha a um grupo de escritores criarem suas histórias a partir de um conjunto de obras de um pintor brasileiro. Escolhido o pintor, a editora saía no encalço de um escritor para que ele criasse seu texto pondo em diálogo as duas linguagens. Não havia regras rígidas, justamente para que esse diálogo fluísse com naturalidade, conforme podemos perceber explorando a coleção. “Cada escritor estabeleceu seu ponto de contato com a pintura de modo particular, pela leitura que ele mesmo fez da obra, inspirados ou não nas cores que as obras lhe suscitavam, considerando ou não os títulos dos quadros, referindo-se ou não a eles”, conforme informações repetidas em cada livro da coleção em um texto de apresentação assinado por Eliane Yunes. Assim, Ana Maria Machado escreveu *Era uma vez de três*, a partir de pinturas de Volpi; Walmir Ayala escreveu *Era uma vez uma menina*, a partir de pinturas de Dacosta; Lygia Bojunga Nunes escreveu *7 cartas e 2 sonhos*, a partir de

pinturas de Tomie Ohtake; Fernando Sabino escreveu *O pintor que pintou o sete*, a partir de pinturas de Carlos Scliar; Ziraldo escreveu *Ave Jorge*, a partir das pinturas de Antonio Maia, entre outros. Era como um processo visto muitas vezes na música, salvo as linguagens específicas dessas duas manifestações artísticas: o letrista recebia a melodia e era convidado a compor a letra. O processo de Martina Schreiner é quase esse, não fosse por um detalhe. Ela mesma é a autora da melodia, ela mesma foi a artista que pintou os quadros a partir dos quais surge a narrativa literária que compõe a obra. Na concepção das ilustrações, já se desenhava um enredo, e seu trabalho inicial com as tintas e os pincéis e, posteriormente, com uma mesa digitalizadora foi praticamente o de compor uma narrativa visual. Só depois é que incorporou a narrativa literária aos quadros sequenciados que criara. Ocorre então uma fusão belíssima entre imagem e texto. E não que o texto fique em segundo plano. Ele deve ser lido na confluência do diálogo que Martina Schreiner estabeleceu entre linguagem verbal e visual. Não há, dentre essas duas linguagens, uma que se sobreponha à outra. A autora soube dosar as proporções na busca de um equilíbrio inteligente.

No projeto ilustrativo em questão, existem algumas elaborações que o leitor pode levar em consideração, se for de sua vontade preencher esses vazios – no sentido utilizado por Wolfgang Iser, em seus estudos –, que a autora-ilustradora vai deixando como um conjunto de pistas para o leitor fruir com intensidade a obra. Os textos literários que compõem as obras para crianças e jovens possuem, em sua estrutura, os vazios apontados por Wolfgang Iser, quando concebeu a teoria do efeito estético. São esses vazios, espaços ou lacunas na estrutura do texto que o leitor preenche de acordo com as suas condições intelectuais, cognitivas, culturais. Mas o que temos notado, nesses anos de lida com o texto literário para crianças e jovens, é que, no diálogo que surge entre texto literário e ilustração, alguns desses vazios são preenchidos, não exigindo o trabalho e o empenho do leitor nesses casos. Contudo, em um projeto ilustrativo bem articulado como o de Martina Schreiner, temos percebido que, ao preencher alguns vazios do texto, a ilustradora abre outros vazios, por meio justamente do diálogo que propõe entre texto e ilustração. E assim, ao conceber uma história ilustrada ou uma narrativa visual com texto – visto o fato de criar antes a ilustração e depois o texto –, a artista vai deixando uma série de vazios para o leitor poder preencher, ao conjugar ilustração e narrativa. Esses vazios funcionam como pistas, que, se compreendidas pelo leitor, elevam a leitura da obra a outro patamar. Uma dessas pistas é o

Revista Língua & Literatura, v. 19, n. 34, jul./dez. 2017.

Recebido em: 24 jun. 2017  
Aprovado em: 29 set. 2017

jogo que se estabelece entre o uso do colorido e do preto, branco e escalas de cinza. O livro começa colorido, tem grande parte de seu miolo em preto e branco e, nas últimas páginas, volta a ser colorido. O jogo que se constrói no uso das cores tem significado importante, pois revela momentos fundamentais do enredo construído pela autora. As partes coloridas correspondem aos momentos do enredo nos quais Nina está de posse de seu coração. A parte em preto, branco e tonalidades de cinza corresponde ao tempo em que a personagem fica distante do coração e o monstro tenta recuperá-lo. Pode também o leitor perceber o uso da página em preto com pouquíssimo texto impresso em branco como recurso para demonstrar a noite, o silêncio, o medo ou a falta de perspectiva dos personagens, como ocorre, algumas vezes, na obra. Ou, ainda, as páginas em preto sem nenhum texto, simbolizando o vazio no peito de Nina.

Pelo conjunto que compreende projeto gráfico, ilustrativo e texto, não é exagero afirmarmos que a obra de Martina Schreiner pode ter sua recepção considerada como uma “aventura espiritual, que engaje o eu numa experiência rica de vida, inteligência e emoções” (COELHO, 2000, p. 32), para usarmos uma consideração de uma estudiosa que tanto contribuiu para a consolidação de uma base teórica para o estudo da literatura infantil e juvenil em nosso país. A experiência a que se refere Coelho é única e insubstituível na vida dos leitores infantis e juvenis, e se renova a cada vez que os leitores encontram uma obra como *A menina e o monstro e algumas pedras no caminho*, que, como toda realização artística que se coloca em diálogo com o universo dos leitores, vai, de maneira lúdica, levá-los a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, num processo de crescimento intelectual e, principalmente, emocional.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.